

Universos sócio-culturais na prisão: a desconstrução e a reconstrução do “eu” em Memórias do cárcere

Amadeu da Silva Guedes*

RESUMO

A obra **Memórias do cárcere** de Graciliano Ramos apresenta inúmeras situações de esferas sociais diferentes das situações da esfera social considerada padrão. Pretende-se, neste texto, uma análise do comportamento “eu-narrador” diante das diferentes situações vividas por ele no cárcere. A prisão apresenta para o “eu” pessoas, visões de mundo, discursos e comportamentos distantes da percepção de mundo e de homem desse “eu”. Nesse processo, o eu-narrador passa a se analisar, a refletir sobre sua visão de mundo, da sociedade e do homem e, conseqüentemente, desconstrói-se e se reconstrói ao longo da narrativa.

Palavras-chave: Graciliano Ramos. Memórias. Cárcere. Alteridade.

ABSTRACT

Memórias do Cárcere, work of Graciliano Ramos, presents countless situations of social spheres different from the situations of the sphere considered the social standard. This text attempts to an analysis of the behavior he (The “I narrator”) had before the different situations he lived in the jail is intended. Prison presents for the “the “I narrator” people, world visions, speeches and distant behaviors of his world perception and his perception as a man as well. In that process, the narrator starts to analyze himself, to reconsider his world vision of man and society and consequently destroys and rebuilds himself along the narrative. **Keywords:** Graciliano Ramos. Memories. Prison. Other.

Inúmeras situações dignas de desdobramento e atenção passeiam pelas páginas de **Memórias do cárcere**. Dentre as mais perceptíveis, podemos citar, como alguns exemplos, a organização política e social do país no primeiro momento de Vargas, a análise que Graciliano faz de alguns autores

* Mestre em Letras pela UFF e Doutorando na mesma área e na mesma universidade. Professor de oficina de leitura, interpretação, redação e metodologia científica nos cursos de jornalismo, marketing e administração da UNICARIOCA.

e obras da literatura brasileira de sua época, a reflexão sobre a estrutura militar e sobre os militares, a relação das letras com o poder, a condição sujeito-sociedade-cárcere, a reflexão sobre os discursos do segmento social mandante na criação de uma identidade para o povo brasileiro, a ausência do diálogo entre o cidadão e o poder governamental, a relação entre o ser e a literatura, a fronteira entre testemunho, ficção, memória e muitas outras situações, algumas ainda a serem percebidas e estudadas.

O veio da narrativa de Graciliano Ramos que perseguimos neste trabalho é um processo humano pelo qual o autor-narrador passa até as últimas linhas da história. Há, nas **Memórias do cárcere**, um processo complexo de desconstrução e reconstrução do sujeito encarcerado. Nesse processo, como em todo caso desse tipo, há conflitos entre os alicerces da personalidade e da visão do autor-narrador e as diversas circunstâncias pelas quais ele passa. Convém, antes de nos atermos a alguns momentos da história que trazem esse processo e esmiúça-los em situações específicas, abordar de forma mais generalizada o assunto a ser trabalhado, expondo considerações que ajudarão a compreender o intuito deste trabalho.

No início do texto, encontramos o autor refletindo sobre o que escreveu, evidenciando suas hesitações em transformar em literatura o que viveu há dez anos. Nesse momento, ele expõe seu desconforto em inserir nesse texto pessoas com as quais conviveu e que se encontravam vivas. Continuando a sua reflexão, analisa a situação do homem de sua atualidade, a condição social em que viviam, os modelos em cujas formas as pessoas são colocadas e depois confessa não mais se preocupar em as expor em seu livro. Leiamos suas próprias palavras para analisar com mais embasamento o seu desconforto inicial e construir um sentido para essa situação de acordo com o referencial a que este trabalho se prende:

O receio de cometer indiscrição exibindo em público pessoas que tiveram comigo convivência forçada já não me apoquenta. Muitos desses antigos companheiros distanciaram-se, apagaram-se. Outros permaneceram junto a mim [...]. Alguns reclamam a tarefa, consideram-na dever, oferecem-me dados, relembram figuras desaparecidas, espicaçam-me por todos os meios. Acho que estão certos: a exigência se fixa, domina-me. Há entre eles homens de várias classes, das profissões mais diversas, muito altas e muito baixas, apertados nelas como em estojos. Procurei observá-los como se acham nessas bainhas em que a sociedade os prendeu. A limitação impediu embaraços e atritos, levou-me a compreendê-los, senti-los, estimá-los, não arriscar julgamentos precipitados. E quando isto não foi possível, às vezes me acusei. (RAMOS, 2004, p.35, v. I)

Encontramos nessa passagem considerações do autor-narrador a respeito da sua relação com o outro e do seu processo de desconstrução e reconstrução. Quando expõe seu cuidado ao construir uma análise do outro, o autor revela que caminha em um terreno movediço, que enuncia um lugar instável e que se encontra em momentos conflituosos. Além da situação difícil em que o autor-narrador se encontra, ele se revela por toda a obra, consciente da limitação do seu campo de visão, pois sabe que o olhar humano é precário. Percebemos a ciência disso quando ele afirma que o pronome "eu" é irritante. Além disso, os passeios da primeira pessoa do singular para a primeira pessoa do plural já trazem uma oscilação entre sua percepção e os outros. Há nisso, ciência de que a visão a partir do "eu", de onde ele enuncia, não é suficiente para abarcar toda a cachoeira de situações e de pessoas com as quais se depara. Em outras palavras, essa consciência gera instabilidade, inquietação e angústia e um olhar crítico para o lugar de onde enuncia. Sua constituição social, familiar e livresca entra em contato com outros universos, afunda em subterrâneos, encontra seres de diferentes esferas, pensamentos e concepções de vida distantes das concepções e pensamentos de vida socialmente enformados com os quais ele mantinha um relacionamento mais estreito fora da prisão. Vale citar o personagem Gaúcho como exemplo das pessoas com concepções de vida exóticas ao olhar do autor. Como isso se dá nessa relação de alteridade com um "eu" que, provisoriamente, podemos considerar constituído, mas que tem consciência da precariedade dos seus valores e concepções diante de um outro universo? Suas próprias palavras deixam patente essa situação: "Precisamos viver no inferno, mergulhar nos subterrâneos sociais, para avaliar ações que não poderíamos entender aqui em cima". (RAMOS, 2004, p. 154, v I).

No primeiro capítulo, ao comentar sobre a vida dos "homens do primado espiritual" (RAMOS, 2004, p.34, v I) e dos homens de sua atualidade, da condição em que estes últimos se encontram – enformados, oprimidos pelas convenções – o autor exhibe a ciência que possui dos cárceres sociais. A gramática, as normas de editoração, os compromissos com a sobrevivência, entre outros fatores, oprimem o ser. Depois de dez anos, resolve escrever sobre sua experiência no cárcere e revela, no início, suas hesitações em escrever, mas se mostra, depois, mais firme, não se preocupando com as notas que obrigatoriamente deixou para trás e com as imposições para se escrever. O não-uso das notas o deixou mais livre. "Não me agarram métodos, nada me força a exames vagarosos". (RAMOS, 2004, p. 35, v I).

Embora afirme que nada o força a exames vagarosos, é interessante lembrar que é notório o rigor de Graciliano Ramos em suas produções

literárias. Porém, o que se pode depreender de todas essas exposições do autor-narrador é a sua preocupação em se desvencilhar de laços, de todas as formas, que envolvem o ser social. O autor, já de início, apresenta um olhar crítico para o meio solidificado, incomoda-o a estaticidade, os hinos, o dia a dia organizado, os protocolos. Ele teve relacionamento estreito com essa facção da sociedade e sabe as visões de mundo formadas a partir dos rituais desse segmento social são precárias: "Lá fora comportava-me automaticamente. A repartição, o despacho, o bonde, o horário, conversas bestas com indivíduos que se mexiam como se fossem puxados a cordões. Ali me exibiam aspectos inéditos da sociedade". (RAMOS, 2004, p. 151, v I). Em vários momentos da narrativa, ele já antecipa o futuro desmoronamento de suas convicções e já mostra a sua percepção de discursos sustentadores de esferas sociais com que mantinha laços, tanto discursos conservadores de uma ordem como discursos contrários a essa ordem. É sabido da condição sócio-econômica da família de Graciliano Ramos e sua simpatia pelas ideias que questionavam a ordem social vigente. Nas **Memórias do cárcere**, ele põe na balança tanto os pensamentos considerados de direita, quanto os de esquerda.

Nos recursos de antecipação mencionados, há um detalhe interessante que sugere uma reflexão. As **Memórias** foram escritas dez anos após a experiência do cárcere. É conveniente, portanto, levar em consideração que as palavras na obra não são do mesmo homem dez anos antes sob a condição de preso. Em alguns momentos, podemos perceber recursos literários que adiantam, de certa forma, concepções do autor a partir de acontecimentos vindouros. No tempo em que escreveu, seu momento de vida já era outro, a vivência no cárcere modificou sua concepção do mundo, ampliou sua visão. Embora a narrativa siga uma linearidade no que se refere a situações de ideias preconcebidas e a situações reais que desmentem essas ideias já formadas, podemos afirmar dois tempos próximos no texto de Graciliano: o tempo em que ele viveu as experiências e o tempo em que ele colocou essas experiências na literatura, este último já marcado pela visão amadurecida diante das experiências passadas.

Essas considerações do autor sobre a sociedade formal nas primeiras páginas da narrativa não são por acaso. Elas abordam um segmento social dentro de convenções, cuja visão não dá conta de um outro segmento social alijado, segmento no qual ele viveu e com o qual aprendeu a ver o mundo de outra forma. O próprio autor afirma não querer sair do cárcere como vítima e, com essa afirmação, deixa perceber a prisão como aprendizado e ampliação da sua visão de mundo.

É um aprendizado doloroso e angustiante para o homem que se

depara com universos dentro da prisão. Lidar com diferentes visões de mundo na construção literária de uma experiência é algo que se mostra difícil e essa dificuldade, enriquecedora da obra, vamos percebendo na tessitura da narrativa. Cada situação e pessoa encontradas pelo narrador é um confronto. Ele tem consciência de que toda a sua experiência de vida vai precisar ser revista, para ser capaz de dar conta das experiências por que passa. Desconstruir-se é doloroso, é difícil. Laços de sua constituição social o oprimem muito. São esses laços que vão atormentá-lo diante das situações pelas quais ele passa no cárcere. Quem agora escreve, após dez anos, tem consciência de onde enuncia ou enunciava e consegue na escrita e, provavelmente, pela escrita, construir sentido nas experiências por que passou e quais foram os sentimentos em relação às pessoas que conheceu.

Ao dizer a forma como procurou entender as pessoas que conheceu, ele exhibe sua luta gigantesca para não limitar esses seres, não tecer julgamentos precipitados, frutos de uma visão e de um ponto de enunciação socialmente determinados: "Fiz o possível por entender aqueles homens, penetrar-lhes na alma, sentir suas dores, admirar-lhes a relativa grandeza, enxergar nos seus defeitos a sombra dos meus defeitos". (RAMOS, 2004, p. 37, v I). Mostra-se disposto a considerar as diferenças impressas pela sociedade nesses homens e, ao mesmo tempo, olha-os como um espelho, como uma forma de divisar sua própria imagem. Quando construiu um julgamento precipitado, culpou-se.

Essa é outra situação comum nas diversas experiências novas por que passa o autor-narrador: o sentimento de inquietação, de culpa, a reflexão forte, chegando a uma tortura mental. É um processo de busca de respostas. Atentemos para algumas palavras de Bosi sobre essa situação: "Os sentimentos recorrentes são de tédio à comunicação, aborrecimento, embaraço, enfezamento, apoquentação, quizília, azucrinamento e, para tudo resumir, infernização. É o léxico familiar de Graciliano". (BOSI, 1995, p. 5).

Depois de uma explanação geral sobre o processo por que passa o sujeito da narrativa, analisemos de forma mais atenta esse processo a partir de algumas importantes situações que acontecem na história, relacionadas ao "eu" e aos outros. As circunstâncias em que o autor-narrador passa por um processo de análise dele próprio, do outro e do ambiente são inúmeras na obra. Serão analisadas aqui, com minudência, apenas duas situações, talvez as mais relevantes desse processo na obra e, no decorrer da análise, algumas menções a outros momentos da história que corroboram esse processo de desconstrução e reconstrução pelo qual passa o narrador. Embora pareça evidente, cada situação que estremece o "eu" e o leva a um processo de revisão é uma situação com feições próprias e oferece construções de

análises e de conclusões diferentes. Não se pretende aqui esmiuçar todos os momentos de desconstrução do eu-narrador, pois essa tarefa seria gigantesca para um trabalho de pequeno porte como este.

Vamos nos deter, primeiramente, no contato entre o “eu” e os militares, mais especificamente na passagem em que o autor-narrador se relaciona com o capitão Lobo. O contato com os militares oferece interessantes reflexões sobre o “eu” e os outros nas **Memórias**. Logo após essa análise, vamos nos ater ao comportamento do narrador encarcerado nos últimos momentos de sua passagem na colônia correccional, na terceira parte do volume II. Na segunda situação a ser analisada, atentaremos para o comportamento de ensimesmamento, de angústia, de silêncio e de introspecção do “eu” já em um momento de mudança. Vejamos, então, por enquanto, a relação de alteridade entre o autor-narrador e a esfera militar.

De início, a ida para o cárcere o põe em contato com um deles, o mesmo que o procurou anteriormente para tentar a aprovação de sua sobrinha. A descrição desse militar, um tenente, é feita com os recursos do riso. Graciliano detalha o gestual desse tenente, sua postura automatizada, sua obediência cega aos rituais militares. Nesse trabalho literário, já é possível vislumbrar a ideia do narrador encarcerado sobre os militares. Algumas palavras do próprio escritor ajudam a prosseguir com a análise:

Porque estava ali junto de mim aquele sujeito? Balançando nas molas doces, impossibilitado de bater os calcanhares, retesar as espinhas, fazer a meia volta e a continência, anulava-se. A pergunta mental surgida em casa continuava a espicaçar-me. Certo ele não havia determinado a minha prisão, mas era curioso encarregar-se de efetuar-la. Sem me incomodar com essa pequena vingança, pensei noutras, vi o país influenciado pelos tenentes que executam piruetas. Desejariam os poderes públicos que eu mandasse aprovar com dolo a sobrinha do tenente Penedo? Não me exigiriam expressamente a safadeza, mas deviam existir numerosos tenentes e numerosas sobrinhas, e a conjugação dessas miuçalhas mandava para as grades um pai de família, meio funcionário, meio literato. (RAMOS, 2004, p. 50, v I

É bem perceptível a concepção que o autor tem dos militares. Ao descrever o tenente executando piruetas, expondo-o ao riso, ele desumaniza esse homem e estende para o meio militar esse comportamento automatizado, não-humano, insensível e anulador. Em seguida, Graciliano toca em uma questão que faz parte da nossa estrutura cultural e administrativa, já bem trabalhada por Sérgio Buarque de Holanda (1995) as relações de favor. Há uma associação forte entre essas relações e o meio militar ao imaginar

numerosos tenentes “que executam piruetas” e numerosas sobrinhas a serem aprovadas através de pedidos ou ordens.

A concepção preconceituosa em relação aos militares continua sendo exposta de várias formas e, em alguns momentos, o narrador já lançará mão do recurso literário de antecipação, permitindo ao leitor que vislumbre a futura quebra de suas ideias preconcebidas. Percebe-se, nessa situação, que o sujeito narrador já amadureceu em si as experiências por que passou. Em outra passagem do texto, o autor afirma que se habituara “cedo a considerar o exército uma inutilidade. Pior: uma organização maléfica”. (RAMOS, 2004, p. 64 v I). Afirma, em seguida, que “Nada mais besta que as generalizações precipitadas”. (RAMOS, 2004, p. 64-65 v I). Percebemos, novamente, o recurso de antecipação e a ponta da reconstrução do eu, da revisão dos seus conceitos ou preconceitos.

Embora demonstre que possuíse inicialmente forte preconceito em relação aos militares e a algumas situações sociais, é interessante mencionar sobre o comportamento do autor-narrador, no desenvolvimento da obra, em relação às suas experiências, principalmente as relacionadas aos militares, sua visão sóbria, sem fortes contrastes no que se refere aos poderes sociais de sua época. Um leitor habituado a ideias popularizadas e maniqueístas, com um pensamento preconcebido sobre as **Memórias do cárcere** e com uma ideia já solidificada dos anos trinta, provavelmente, decepcionar-se-á ao se deparar com a postura do autor-narrador, que não alimenta, na obra, discursos popularizados carregados de maniqueísmo, ataques ostensivos e radicais aos militares e às pessoas ligadas à administração do país naquele momento. Nisso, reside a grandiosidade do livro: a presença da reflexão cuidadosa sobre o outro, sobre o momento de trinta, sobre os poderes sociais, sobre a literatura da época, sobre si próprio. A obra surpreende e desautomatiza o leitor.

Em citação anterior, da página 35, v I, ele diz a maneira como tenta abordar o outro e como se acusou quando não conseguiu se isentar do julgamento precipitado. No vagão, duas experiências o afetam e servem para o início de nosso trabalho: o afastamento com desprezo de José Rocha, chamando-o de comunista e a amabilidade de Miguel Baptista, amigo de correspondência, que se mostra solidário e próximo, abraçando-o na despedida, mesmo sabendo da estrutura ditatorial que pesava sobre as pessoas discordantes do regime vigente. O deputado José Rocha profere a palavra comunista, o autor cala-se e depois analisa o ponto de enunciação do deputado, um homem de posses, usineiro, pertencente a um segmento social pelo qual ele não nutria afetos.

Embora seja uma passagem breve da narrativa, tem muito a nos dizer sobre esse processo de desconstrução e reconstrução do “eu”. Primeiramente, ele vê na palavra “comunista” uma imagem atribuída a ele, um espelho autoritário, com imagens fixas, nas quais ele só pode ver o reflexo estático de si criado pelo outro. Uma imagem já traçada pelo outro, não só a de comunista, vai acompanhá-lo em muitas outras situações no decorrer da narrativa, até mesmo com o capitão Lobo, quando ele diz não concordar com as ideias do narrador, mas as respeita. Porém, o narrador nem sabia de quais ideias o capitão falava.

De formas diferentes, Baptista e Rocha, com suas respectivas atitudes em relação ao autor-narrador, atuam como espelho. Em Rocha, ele já se vê construído, preconcebido, tem ciência dessa sua imagem e em Baptista tenta analisar-se, procura imaginar sua atitude se estivesse na condição do amigo. Questiona se agiria com tamanha nobreza: “Na ausência de Batista indaguei-me. Se os nossos papéis estivessem trocados, haveria eu procedido como ele? [...] Essas descobertas de caracteres estranhos me levam a comparações muito penosas: analiso e sofro”. (RAMOS, 2004, p. 58, v I). Ao se ver em Rocha como comunista, embora o autor tenha ciência de que é discordante da ordem social com a qual o deputado se favorece, fica uma situação que vai além: a imagem criada pelo outro. Algumas palavras de Agambem podem oferecer subsídios para nossa reflexão sobre tal assunto: “O espelho é o lugar em que descobrimos que temos uma imagem e, ao mesmo tempo, que ela pode ser separada de nós, que a nossa ‘espécie’ ou *imago* não nos pertence”. (2007, p. 53).

A imagem de comunista vai perseguir o autor em outros momentos da narrativa e, assim como ela, a imagem de espião e delator, de ateu, de uma pessoa especial e letrada, diferente dos outros presos. Através dos julgamentos do outro, o autor se vê um pouco, discorda do conceito que atribuem a ele, preocupa-se com esse conceito. É sobre o relacionar-se, o estar com o outro, o tentar ver o outro e se ver que perpassa a obra. Vale lembrar que o “eu” também é o outro e a imagem que se tem do outro é uma criação do próprio “eu”. Nessa relação, os momentos de angústia do autor-narrador são constantes. O autor demonstra consciência disso quando, depois de expor seu pensamento sobre os militares, afirma que se algum dos militares atentasse para suas ocupações, “provavelmente as julgaria bem mesquinhas”. (RAMOS, 2004, p. 65, v I). As palavras de Bakhtin ajudam a entender essa relação de alteridade: “O modo como vivencio o eu do outro difere inteiramente do modo como vivencio meu próprio eu; [...] e essa diferença tem importância fundamental tanto para estética quanto para a ética”. (BAKHTIN, 2003, p. 35).

Voltemos, agora, ao desenvolvimento do assunto abordado. Um trecho do capítulo 11 amplia nossa exposição e muito nos diz sobre a relação de alteridade que o autor analisa ao colocar no papel sua experiência revisitada:

Desejo de ir além das aparências, tentar descobrir nas pessoas qualquer coisa imperceptível aos sentidos comuns. Compreensão de que as diferenças não constituem razão para nos afastarmos, nos odiarmos. Certeza de não estarmos certos, aptidão para enxergarmos pedaços de verdades nos absurdos mais claros. Necessidade de compreender, e se isto é impossível, a pura aceitação do pensamento alheio. (RAMOS, 2004, p. 93)

De certa forma, fica mais explícito os futuros choques que terá o autor-narrador em relação não só aos militares, mas também em relação aos outros presos com quem conviverá e descobrirá universos interessantes. A relação entre ele e o capitão Lobo pode ser considerada a quebra maior do pensamento preconcebido do autor sobre os militares no livro. A maneira como o narrador tenta desenhar Lobo para si, a maneira como Lobo se apresenta para ele é conflitante. Acompanhemos esse acontecimento para uma análise mais cuidadosa.

Em primeiro momento, ele já se depara com outros militares que o tratam com uma certa cordialidade e isso é um estranhamento. A figura do capitão Lobo aparece, sem aproximações, mantendo a distância entre o militar e o preso. O significante do capitão chama a atenção do preso: o estrabismo, o semblante sério e penetrante. Mais adiante, a fala desse militar vem mexer com o narrador: "Respeito as suas idéias. Não concordo com elas, mas respeito-as". (RAMOS, 2004, p. 80, v I). Graciliano não consegue convencer o capitão do seu desconhecimento dessas ideias cuja autoria lhe era atribuída. Mais uma vez o espelho, com seu reflexo estático surge e, com isso, a sensação de que a sua própria imagem não lhe pertence. "Sem alegar motivos, emprestavam-me certo número de qualidades e tendências". (RAMOS, 2004, p. 81, v I). Vem o silêncio e a imagem do capitão Lobo se fortalecendo no pensamento do narrador. Com a necessidade de escrita, a necessidade de "descrever a figura de capitão Lobo, que vem crescendo em demasia". (RAMOS, 2004, p. 86, v I). Vale ressaltar que a escrita, embora considerada por ele como precária e de improviso, é um instrumento forte na criação de uma imagem do que o cerca, dos que o cercam e de si próprio. O ato de escrever está presente não só em vários momentos das **Memórias**, mas em outras obras de Graciliano. Em **São Bernardo**, por exemplo, Paulo

Honório busca, ao final da narrativa, escrever como forma de construir sua história, ou seja, explicá-la para si próprio. Uma tentativa de entendimento. A escrita usada com esse intuito está muito presente nos vários momentos do cárcere.

Lobo toma uma atitude de caráter bem “militar”, quando o repreende por usar um dos banheiros não destinado aos presos e o que parece banal para o autor não o é para a outra esfera. Mais tarde, o capitão oferece-lhe ajuda financeira. Esse acontecimento atordoa e marca profundamente o sujeito da narrativa. O capítulo em que se dá esse acontecimento apresenta atmosfera intimista e exploratória da confusão do autor-narrador diante do ato desse militar. O narrador procura explicações, atordoa-se, mastiga mentalmente essa atitude em busca de resposta para seu tormento. É um choque brutal nas suas convicções. O impacto foi tão forte que o autor revela ter apagado de sua mente esse acontecimento, não ter acreditado que ele realmente ocorreu:

Ao cabo de alguns minutos, a conversa findou uma proposta que me assombrou, ainda me enche de espanto. Não a mencionaria se, anos atrás, num encontro inesperado, o homem estranho, já coronel grisalho, não a confirmasse, vago e indiferente, enquanto me censurava por me haverem fugido da memória as roupas de cama e as toalhas. Sem esse depoimento, não me abalçaria a narrar o caso singular. Difícil acreditarem nele, e talvez eu próprio chegasse a convencer-me de que ainda tinha sido vítima de uma ilusão. Tento reproduzi-lo ainda receoso, perguntando a mim mesmo se se deu aquela inverossimilhança. (RAMOS, 2004, p. 107-108)

O militar oferece um empréstimo a Graciliano, por se mostrar preocupado com o futuro, pois diz já ter passado por situação como aquela. É nessa atitude do capitão Lobo que o conceito sobre os militares do autor se relativiza brutalmente e a ideia sobre a rigidez do meio militar vai se desmanchando. O capitão praticou uma ação incoerente do ponto de vista da perspectiva do olhar do narrador sobre os militares. A perturbação do autor, que ouve a proposta e a recusa, é imediata. Ele se depara com uma circunstância atordoante e que o obriga a pensar o outro já solidificado em seus conceitos, a entender que o ser humano e suas atitudes estão acima de um regime, de uma ordem, de um sistema. Ele busca explicações exaustivamente e recorre a seus conceitos sobre a organização social e sobre as posses na sociedade, situações que não admitiriam a atitude de Lobo.

“Não. Decerto não me libertaria de todo. Já ali começava a sentir uma nova prisão, mais séria que a outra, a confundir-me terrivelmente as idéias”.

(RAMOS, 2004, p. 110, v I). Percebe-se nessas palavras o sentimento de terror diante das grades que impedem uma visão mais ampla. Quando diz uma nova prisão, sabe que essa atitude de Lobo o algemaria a outros conceitos, ele sofreria e não conseguiria se desprender desses novos pensamentos e, pela sensação de instabilidade, entraria em um processo angustiante.

A instabilidade, então, mostra-se violenta à constituição do autor-prisioneiro. Assim como futuramente ele interpretará o choro do Advogado Nunes Leite vindo de uma sensação de terror diante de um caos instaurado, ou seja, diante do desmoronamento de colunas sociais que pareciam sólidas, a sensação de estar diante de algo inexplicável o domina: "Pequeno ou grande, consumado ou não, abalava-me noções que pareciam seguras". (RAMOS, 2004, p. 110-111).

Quais desdobramentos podemos fazer dessa situação e dos conceitos sólidos que o eu sustentava? Primeiramente, o horror ao inexplicável. Se o militar agisse com brutalidade, isso já seria aceito e explicado, mas ele não age assim "e nada pior que nos encontrarmos diante de uma situação inexplicável". (RAMOS, 2004, p. 113, v I).

A espera, por parte do narrador, de um comportamento de acordo com a sua previsão revela, nesse caso da narração, um pensamento interessante. O autor não compreende um homem afeito à rigidez das normas, participante de uma força, que ajuda a manter uma ordem social, tomar uma atitude que não pertence à cartilha dessa ordem:

Difícil era conceber que alguém se despojasse voluntariamente, em benefício de um adversário. Essa renúncia de propriedade me entontecia. Metemo-nos em briga política, afrontamos a polícia, berramos nos *meetings* e, se uma bala nos alcança, arriamos a padiola, entramos no hospital, aos solavancos, possivelmente no cemitério. Está certo. A nossa vida não tem muito valor, às vezes se encenra e desejamos a morte; faltando-nos coragem para o suicídio, exibimos outra forma de coragem; queremos desaparecer: é uma perda individual. Mas ninguém, de senso perfeito, joga fora os seus bens, pois nisto repousa o organismo social – e o sacrifício constitui prejuízo coletivo. Afinal capitão Lobo devia ser muito mais revolucionário que eu. [...] Realmente a desgraça nos ensina muito: sem ela, eu continuaria a julgar a humanidade incapaz de verdadeira nobreza. (RAMOS, 2004, p. 113, v I).

Admitir em Lobo um militar com atitudes nobres e revolucionárias é se dar conta de que se está vivendo em um equívoco, que se tem acreditado num pensamento errôneo, numa imagem da sociedade polarizada demais. Daí vem a dor e a inquietação de perceber no "inimigo" o amigo da ordem e,

automaticamente, olhar amigos como inimigos da ordem vigente, imperfeitos e com discursos falhos. Em outras palavras, encontramos nessa situação por que passa o autor-narrador a exibição de que nossos ideais de esquerda precisam ser revistos, repensados e que a maneira como construímos o nosso inimigo não está correta. Enfim, uma sensação de vazio: em que acreditar? Ver no outro, considerado inimigo, características nobres que acreditamos só existirem em nós e nos ideais que abraçamos é tomar ciência de que nós e nossos ideais apresentam falhas. Assim como o outro possui bondades, nós também possuímos maldades, imperfeições e preconceitos. É necessária uma reconstrução, um olhar mais crítico para nós mesmos e para o outro.

Várias outras situações de desconstrução do autor-narrador surgem além dessa aqui analisada. E não só acontecimentos relacionados aos militares. A sua aproximação com as brincadeiras de Mário Paiva; a postura de Sérgio em relação ao cárcere e aos seus torturadores: "Sou um bárbaro, Sérgio, vim das brenhas. Você é civilizado, civilizado até demais". (RAMOS, 2004, p. 230); a atitude de cubano obrigando-o a se alimentar e muitas outras. Percebem-se laivos de mudança no "eu" em vários momentos da história. Quando se torna mais espontâneo, por exemplo, e estimula Mário Paiva a cantarolar seus versos costumeiros e é repreendido por Manuel Leal, o autor sente sua mudança: "Pobre Manuel Leal. Recordava-se de me haver conhecido menino, filho de proprietário da roça, proprietário na verdade bem chinfrim, e espantava-se daquela mudança". (RAMOS, 2004, p. 158, v l). Quando age, então, grosseiramente com um dos militares devido ao caso da troca das frutas, não esperava agir daquela forma e no momento em que o militar o procura para se retratar, ele fica atordoado e sem respostas para o que aconteceu: "Veio-me depois a horrível impressão de ter sido humilhado por alguém muito forte, que me impedia todos os meios de defesa [...] O meu juízo a respeito dos militares desmoronava-se, um sujeito de farda aplicara-me lição bem rude". (RAMOS, 2004, p. 340, v l).

Uma dessas situações que merece uma menção é a questão do homossexualismo. O autor passa por inúmeras situações relacionadas a isso, desde o homem gentil, que insiste para que ele se alimente, até às violações sexuais entre os outros presos, além dos meninos de Nazir, garotos violentados e seguidores afetuosos desse homem. Certamente essa questão na obra exige uma extensão, um aprofundamento, o que não é possível aqui, pois não é esse assunto que abordamos. É válido, no entanto, mencioná-la porque talvez seja um dos pontos com que o "eu" se depara em suas experiências e que ele não consegue compreender. Essa situação o atordoa imensamente, até na hora da alimentação, e não encontramos na obra uma

possível conclusão do "eu" sobre o assunto.

Findas essas exposições, vamos para outra parte desse processo de desconstrução e reconstrução. Anteriormente, mencionamos o ensimesmamento e o silêncio do autor-narrador. Quase sempre, no decorrer da narrativa, são expostas as dificuldades de abarcar situações, ambientes, pessoas e comportamentos pela percepção do "eu". A sua passagem, então, na colônia correccional é marcada por sofríveis e brutais golpes; o próprio ambiente é violentamente consternador. Diante dessas e de várias situações conflituosas, em quase toda obra, o autor-narrador assume um comportamento de silêncio, de corte de comunicação e de angústia. Ocorrem, muitas vezes, a percepção confusa, a introspecção, o atordoamento e o corte de comunicação. Principalmente, nos momentos em que o pensamento do narrador é contrariado, ou seja, nos momentos em que suas idéias acabam se desmoronando diante das experiências que ele vivencia. Desde que inicia seus passos para o cárcere, o autor julga estar em uma situação de despersonalização causada pelo emudecimento das autoridades, pela instabilidade das diversas situações a que é exposto, inclusive por estar à mercê de uma facção mandante.

É interessante observar que o seu comportamento modifica tanto a sua percepção quanto suas atitudes. Essa mudança já é mais fortemente perceptível a partir do capítulo 15 da 3ª parte. Pela primeira vez na colônia correccional, ele fixa a atenção. O que isso tem a nos dizer?

Em seu processo de desconstrução e reconstrução, o autor menciona o esmagamento por que passa o encarcerado, a instabilidade, a despersonalização e a desumanização a que uma pessoa está sujeita naquelas condições. A colônia correccional talvez seja o exemplo mais forte de desumanização, de coisificação do ser humano. Vale ressaltar, o que de certa forma já está óbvio, que o processo de desconstrução e reconstrução aqui abordado não se dá somente em relação ao outro, ele se instaura a partir de vários fatores, com o ambiente, por exemplo.

Embora muitas experiências, antes, durante e depois da colônia correccional, constituíssem aprendizado para o autor, ele mesmo afirma esse aprendizado e deseja isso, pois situações negativas de desumanização estiveram muito presentes no processo pelo qual ele passou. Nos diferentes momentos em que o "eu" se encontrou, ocorre uma luta para a adaptação dos sentidos ao ambiente, às circunstâncias. Uma forma de criar mecanismo em sua percepção para dar conta do que o cerca, pessoas, atitudes, ambientes, circunstâncias, normas, odores. Vale lembrar que o corpo, não só nas **Memórias do cárcere**, mas também em outras obras de Graciliano,

"é o lugar privilegiado onde se marca a história e se enuncia, em carne viva, sem subterfúgios, a violência desmedida do poder". (MIRANDA, 2008, p. 2008).

Em certos momentos, o autor-narrador já demonstra reagir diante do mundo e dos outros à sua frente. A quietude vai aos poucos acabando, sua fala, sua presença vai se fortalecendo diante dos fatos. É evidente que em outros momentos do texto, o autor já apresenta reações, mas essa reação a ser analisada revela mais fortemente uma etapa do processo que aqui abordamos.

Na luta com Cubano, o autor já reage, até fisicamente, e esse acontecimento o leva a refletir sobre sua atitude, sobre o que está acontecendo com ele. Talvez o marco maior de mudança de comportamento do autor-narrador seja o diálogo com o médico em seus últimos momentos na colônia correcional. Sua fala se mostra firme e com intuito patente de atingir as autoridades.

Após apresentarem a ele um telegrama convocando-o para o Rio de Janeiro, o homem encarcerado surpreende o leitor com a quebra brusca do seu silêncio em relação às autoridades. Cobra uma carteira sem se preocupar com as palavras: "- Ó doutor, quer fazer-me o obséquo de mandar procurar uma carteira que me furtaram aí na secretaria?". (RAMOS, 2004, p. 156, v II). Em resposta, o médico diz, austero, que ali não se furta. As palavras saem irônicas e fortes do narrador: "- Santo Deus! tornei. Aqui não se faz outra coisa. Todos nós somos ladrões. Porque é que estamos na Colônia Correcional? Porque somos ladrões, naturalmente. Pelo menos é esta a opinião do governo". (RAMOS, 2004, p. 156).

É notória a intenção de refutar, de atacar sem peso na consciência o poder mascarado a sua frente. Ele revela com suas palavras a atitude incoerente de quem o colocou ali. Por que estava preso? Era perigoso à sociedade? Com ironia, revela a falta de lógica e a arbitrariedade do governo: prende-se alguém sem acusação, não se lhe oferecem a oportunidade de diálogo, anulam-se seus direitos. Toda a desestabilização do encarcerado e seu silêncio diante do poder parece terminar e sua fala irônica e acusatória explode diante de dois funcionários, dois instrumentos do sistema. Prossigamos a análise através de uma outra passagem muito significativa:

Larguei isso com um sorrisinho mau, impertinente, repisando frases. O objeto perdido não me faria grande falta, nem uma vez pensara em reavê-lo. Mas, feita a reclamação, pegava-me a ela, por ver que estava causando aborrecimento ao funcionário antipático. Insisti, ele mandou chamar o rapaz da secretaria.

- É isto, expliquei. Uma carteira que os senhores me furtaram no dia da chegada. Estão aqui o porta-níqueis e o cinto, com monogramas. Há na carteira um monograma igual.
- O senhor tem recibo? perguntou o sem-vergonha.
- Não, homem. Você já viu ladrão dar recibo do que furta?
- Ah! Não fui eu.
- Então foi um colega seu. Vocês todos se entendem.
O sujeito negava a pés juntos. Insisti na reclamação por teimosia, só para chatear o médico. Certamente não me iriam atender: limitava-me a acusar sem provas, e era impossível identificar o culpado na multidão confusa. [...] E continuava a segurar-me a um direito vago, indemonstrável, enquanto a frase do guarda zarolho me feria a lembrança: - "Aqui não há direito." (RAMOS, 2004, p. 156, v II)

O "sorrisinho mau" e a insistência no intuito de aborrecer o funcionário antipático e o médico não deixam dúvidas sobre a intenção de ataque do autor-narrador. Mas o que essa intenção revela? Ela fica somente no ataque ostensivo e na questão de expor uma incoerência e uma arbitrariedade governamental? Quais interpretações podem ser feitas a partir dessa atitude do "eu"?

No decorrer da narrativa, o "eu" passa por inúmeras situações que o fragmentam, o angustiam e o fazem se olhar em espelhos. Em seu diálogo com o médico e com o funcionário "antipático", a cobrança de uma carteira desencadeia o conflito e ocupa toda a extensão da conversa. O próprio narrador declara não fazer falta o objeto "roubado". Esse objeto tem uma significação grande nesse momento do processo por que passa o "eu". Seu sentido para o autor liga-se ao seu existir naquele momento. Em várias passagens durante sua estadia na colônia correccional, o encarcerado sentiu-se próximo à morte, sem vontade: "O meu fim estava próximo, com certeza. E abandonavam-me naquele inferno". (RAMOS, 2004, p. 155, v II). Não só nessa passagem, mas também em outras, a situação da morte está presente de diferentes modos na Colônia Correccional: a falta de ânimo e de apetite, o amigo morrendo de forma deprimente e o discurso do militar dizendo que lá não havia direitos e todos estavam ali para morrer. Parte desse discurso do guarda zarolho esteve presente no pensamento do autor quando ele reivindicou com força a sua carteira: "E continuava a segurar-me a um direito vago, indemonstrável, enquanto a frase do guarda zarolho me feria a lembrança: - 'Aqui não há direito'". (RAMOS, 2004, p. 156 v II). Depois da imensa luta contra sua reconstrução e desconstrução, agora o "eu" reage e tenta se reaver e se manter vivo, pois se manter vivo, de certa forma, é manter-se humano, eloquente e dono de uma unidade.

A menção que ele faz a um outro objeto, um frasco de iodo, mostra-

se interessante para o pensamento que estamos desenvolvendo. O autor-narrador se apega a um frasco de iodo, quase vazio, ao chegar à Casa de Detenção, pois queriam tomar-lhe esse frasco. Logo em seguida, ele joga esse frasco no lixo, pois de nada mais servia. Os objetos em questão simbolizam uma retomada. As próprias palavras do autor não deixam dúvidas:

Qual seria o motivo dessa obstinação, agora repetida? Julgo que o meu intuito, embora indeciso, era reaver uma personalidade que se diluíra em meio abjeto. Exigindo o frasco inútil, esforçava-me por eliminar do espírito vestígios do horrível porão, onde supus enlouquecer. [...] Não se tratava de molestar uma figura desagradável. Junto à mesa, olhando o telegrama, aparecia-me a avidez de reentrar enfim na humanidade. (RAMOS, 2004, p. 157)

A atitude do narrador é uma tentativa do sujeito de recuperar sua integridade, seus pedaços espalhados. Assim como a escrita é usada no decorrer da história para recompor o que está em fragmentos e desordenado, o frasco e a carteira, de forma diferente é óbvio, ajudam o “eu” a unir seus pedaços e a combater a morte. Os dois objetos parecem ligados ao corpo, à personalidade, às feições humanas do autor-narrador, partes dele que a prisão massacrou, dividiu, confundiu, desintegrou. Com a cobrança dos dois objetos, cobra-se uma reconstrução, uma re-humanização e um reviver.

Esse comportamento carregado de ânimo vai continuando. Assim podemos percebê-lo quando se dirige a um dos meninos violados por Nazir. O autor-narrador o questiona vigorosamente sobre o sentimento afetivo-maternal que ele mantém para com o seu violador. Utiliza-se até de um vocábulo agressivo para definir esse menino: “aborto”. Além disso, seus diálogos com as autoridades não são mais marcados pelo silêncio e pela reflexão angustiante que fazia para si.

Em um dos momentos de reação, a autor dirige-se ao médico com ameaças. Ciente da arma que sabia usar – a escrita – ele ameaça produzir um livro denunciando as condições da Colônia Correcional. Mais adiante, responde com voz de igualdade à cobrança que lhe fazem dos manuscritos feitos na prisão. No caminho, o autor insiste com um dos militares para beber doses de aguardente e não aceita que um dos homens pague a bebida.

Outra situação ligada à reconstituição do “eu” é o seu relacionamento com a Colônia Correcional marcado pelo esquecimento e, de certa forma, pelo nojo. O autor teme não poder reconstituir aquele lugar, aquela “massa informe, imponderável”. (RAMOS, 2004, p. 161, v II). Considerando o lugar como detentor de vários aspectos negativos como morte, massacre e

desintegração, podemos pensar no "eu" excluindo de si esses aspectos não só através da fala mais altiva, mas também através da memória e do corpo: o apagamento das imagens da Colônia Correcional e o nojo que ele manifesta aos trapos com que se envolvia: "Mas um nojo desconhecido me impedia de usar os molambos sujos de hemoptises. Adormeci descoberto". (p. 162, v II). É outra reação do "eu" e, assim como ela, várias outras se apresentam nas linhas da narrativa.

Como vimos, o eu-narrador se desconstrói e se reconstrói a partir de experiências com o outro no ambiente da prisão. Nesse processo, a escrita o ajuda a conhecer o universo em que ele foi inserido, a conhecer os seus semelhantes e a se ver e a se buscar. O apego à escrita durante a narração revela uma forma de sair de si mesmo, de olhar os outros presos e os universos que cada um trazia, universos esses estranhos ao narrador-personagem. De forma semelhante a Paulo Honório, em **São Bernardo**, na escrita o sujeito narrador encontra meios de explicar situações de vida, de se esboçar para se ver, de perceber o processo por que passa e de se manter vivo nele.

Não se esgota aqui a análise sobre esse processo de desconstrução e reconstrução do "eu" em **Memórias do cárcere**. Essa discussão sempre vai ser um diálogo em aberto. O que foi analisado neste trabalho é pequeno perto da grandiosidade da obra e do assunto nela existente e, como foi dito inicialmente, outros veios da obra merecem ser perseguidos e desdobrados atentamente.

Artigo recebido em: 05/08/2009
Aceito para publicação 03/11/2009

REFERÊNCIAS

AGAMBEM, Giorgio. **Profanações**. Tradução e apresentação de Selvino José Assmann. São Paulo: Bomtempo, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução e introdução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BOSI, Alfredo. A Escrita do testemunho em memórias do cárcere. In: **Estudos avançados**. São Paulo: EDUSP, 1995.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia da Letras, 1995.

MIRANDA, Wander Melo. Posfácio. In: RAMOS, Graciliano. **Memórias do cárcere**. São Paulo: Record, 2008, p. 681-695.

RAMOS, Graciliano. **Memórias do cárcere**. 40. ed. São Paulo: Record, 2004. 2 v.